



Folha de Rosto

Autores:

Alex Alexandre Fialho¹ - Graduando em Educação Física, Universidade Paulista;
bolsista ProUni

Rafael Aiello Fernandes² - Mestrando em Psicologia pela PUCCAMP e bolsista Cnpq

Aline Vilarinho Montezi³ - Mestre em Psicologia pela PUCCAMP

Tânia Maria José Aiello Vaisberg⁴ - Professora Livre Docente pelo Instituto de Psicologia da USP; Orientadora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia do IPUSP e da PUCCAMP; Coordenadora da 'Ser e Fazer': Oficinas Psicoterapêuticas de Criação e do NEW - Núcleo de Estudos Winnicottianos de São Paulo.

¹ Endereço Postal: Rua Bristol, 617. Jardim Santo Eduardo, Embu das Artes, São Paulo-SP. Cep: 06823-090. Email: fialho.alex@ig.com.br

² Endereço Postal: Rua Pereira da Nóbrega, 324, AP. 63. Vila Monumento, São Paulo-SP. Cep: 01549-020. Email: rafael.aiellofer@uol.com.br

³ Endereço Postal: Rua Cristalina, 26. Santa Esmeralda, Hortolândia-SP. Cep: 13186-533. Email: alinemontezi@hotmail.com

⁴ Endereço Postal: Avenida Professor Mello de Moraes, 1721. Instituto de Psicologia. Cidade Universitária, São Paulo- SP. Cep: 05508-030. Email: Aiello.vaisberg@gmail.com

O imaginário coletivo de universitários sobre a África: um estudo preliminar

RESUMO

Objetivamos investigar o imaginário coletivo de estudantes universitários sobre a África, no contexto de pesquisas sobre o fenômeno da afro - descendência. Realizamos uma entrevista coletiva com 20 alunos do curso de Educação Física, a partir de um procedimento denominado “narrativa imaginativa”, que consiste no convite a pensar numa situação, sugerida pelo pesquisador, que solicita associações livres por escrito. No presente caso, sugerimos que imaginassem uma viagem à África. Considerados à luz do método psicanalítico, os escritos permitiram a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos: “espelho africano” e “esquecida e desconhecida”. Constatamos que o grupo estudado apresenta um imaginário complexo e ambíguo sobre o continente africano, no qual se mesclam visões contrastantes de miséria material, alegria de viver e sensações de estranheza. Não encontramos posicionamentos arrogantes ou preconceituosos.

Palavras-chave: Afro-descendentes, imaginário coletivo, pesquisa psicanalítica, inconsciente relativo.

The collective imagination of college students about Africa: a preliminary study

ABSTRACT

We aimed to investigate the collective imagination of college students about Africa in the context of research on the phenomenon of african - ancestry. We conducted a collective interview with 20 students of Physical Education, from a procedure called "narrative imagination", which is the invitation to think about a situation, as suggested by the researcher, who asks free association writing. In this case, we suggest that you imagine a trip to Africa. Considered bringing in the light of the psychoanalytic method, the interpretive writings enabled the production of two fields of meaning or emotional-affective unconscious on: "African Mirror" and "forgotten and unknown". We note that the group shows a complex and ambiguous imagery on the African continent, where they mix contrasting visions of material misery, joy of life and feelings of strangeness. We could not find placements arrogant or judgmental.

Keywords: african descent, collective imagination, psychoanalytic research, unconscious on.

Introdução

As relações entre a África e o Brasil remontam à própria constituição do nosso país. Com a expansão ultramarina da civilização europeia a partir do século XV, conseqüência do crescimento de suas atividades comerciais, povos e continentes que até então mantinham pouco ou nenhum contato entre si tiveram suas histórias cruzadas. Como conseqüência, assistimos à formação de novas comunidades e Estados, cujas características populacionais configuraram realidades historicamente novas, especialmente nos territórios americanos submetidos ao domínio colonial das potências europeias (Quijano, A; Wallerstein, 1992).

Em diversas localidades das Américas, foi enorme o contingente de africanos trazidos para trabalhar sob o regime escravista de produção. Ainda que submetidos a um modelo sociopolítico hierárquico e violento, sua contribuição, para moldar as características dos países para os quais foram transportados, foi enorme. Esta não se restringiu apenas à produção material, mas também marcou intensamente a esfera cultural. Tal foi o caso do Brasil.

No entanto, as relações com a África e seus descendentes foram em geral tensas nas sociedades construídas sobre a base do trabalho escravo. Com muita freqüência, à imposição do trabalho forçado aos negros juntou-se a propagação de ideologias racistas, que serviam como racionalização justificadora do fato da dominação (Williams, 1975). É importante destacar, no entanto, que o racismo perdurou nestas sociedades mesmo após a abolição da escravidão.

No caso brasileiro, foi somente nas décadas de 1980 e 1990 que o racismo passou a ser progressivamente sendo reconhecido, de maneira oficial, como um problema nacional (Hofsbauer, 2006). Em conseqüência, desde este período busca-se fomentar a execução de políticas de ação afirmativa, que contribuam para a diminuição do preconceito racial e para a valorização da cultura negra. No campo educacional, por exemplo, podemos citar a aprovação da Lei 10.639, que propõe, no âmbito de todo o currículo escolar, o “...estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (Brasil, 2003)

Tendo em vista o contexto acima, esta pesquisa tem como objetivo investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de estudantes universitários sobre a África, inserindo-se num conjunto de trabalhos que focalizam a articulação entre a experiência de ser afro-descendente no Brasil com fenômenos de preconceito e exclusão.

Acreditamos que a psicanálise, enquanto saber que se fundamenta no estudo da experiência emocional humana, configura-se como um método de pesquisa apto a colaborar na produção de conhecimento sobre estes temas. Partimos do pressuposto de que esta vertente teórica pode desenvolver enfoques investigativos para analisar situações variadas, colaborando com sua especificidade para elucidar diferentes aspectos de questões de interesse social. No presente caso, defendemos que o método psicanalítico, considerado heurísticamente, pode lançar luz sobre as dimensões afetivas e imaginárias que sustentam tanto as práticas discriminatórias quanto o modo como se dá a constituição subjetiva da experiência de ser afro-descendente no Brasil. Deste modo, pode contribuir com sua originalidade em um debate mais amplo, desenvolvido por outras disciplinas, sobre as relações raciais no Brasil.

Para tanto, acreditamos ser necessário um retorno às considerações de Politzer (1928), que afirma que a singularidade da psicanálise é o reconhecimento de que toda conduta humana tem sentido. Deste modo, todo acontecer humano poderia ser compreendido à luz da história de vida individual e coletiva. As críticas que este autor tece em relação aos aspectos abstracionistas da construção metapsicológica da psicanálise, bem como seu apelo a um retorno ao concreto das descobertas freudianas, impressionaram profundamente Bleger (1963), que se dedicou à difusão de suas propostas de constituição de uma Psicologia concreta na América Latina. Esta perspectiva politizeriana, que viemos a articular com importantes reflexões metodológicas de Herrmann (1979), tem-nos permitido utilizar a psicanálise como método investigativo que permite o estudo do sentido afetivo-emocional ou inconsciente relativo de condutas humanas, sempre consideradas no contexto histórico, cultural e político em que ocorrem.

Com isso, abre-se a possibilidade de investigação das condutas imaginativas, sustentadas por crenças e valores que nem sempre são conscientes para os sujeitos que imaginam. Nesta perspectiva, o inconsciente não é visto como uma instância coisificada ou entidade metafísica, mas como a expressão de fenômenos psicológicos que não estão ao alcance imediato da consciência individual e/ou coletiva. É importante ressaltar, também, que neste enfoque o imaginário coletivo, sempre entendido como conduta

concreta, não se refere apenas à atividade imaginativa em seu sentido mais conhecido, ou seja, como produção de imagens psíquicas. Assim, engloba também práticas que geram produtos concretos, ou seja, objetos e procedimentos que se constituem como cultura, como ambiente humano, incluindo usos, costumes, crenças e valores socialmente compartilhados.

Tendo em mente as considerações acima, consideramos importante salientar que este é um estudo preliminar, que visa uma primeira aproximação do imaginário brasileiro sobre a África. Justificamos esta pesquisa pela importância que a África, os africanos e seus descendentes tiveram e tem para a formação do Brasil. Consideramos importante, em suma, investigar que marcas produziram e produzem no imaginário nacional.

Metodologia

A pesquisa organizou-se metodologicamente ao redor da realização de uma entrevista coletiva (Duschene; Haegel, 2005) com 20 alunos do curso de Educação Física, 11 de sexo masculino e 9 de sexo feminino. Deve, portanto, ser considerada como um estudo de caso complexo, na medida em que uma personalidade coletiva, transindividualmente constituída, é considerada como singularidade subjetiva (Goldman, 1971).

Esta entrevista configurou-se a partir do uso de um recurso mediador, que denominamos “narrativas imaginativas”, as quais se definem como proposição de situações humanas que envolvem hipoteticamente a pessoa do participante, aumentando imaginariamente seu poder e capacidade de ação.

Nesta pesquisa, utilizamos uma “narrativa imaginativa” centrada no convite aos participantes a imaginar que teriam ganhado uma viagem de uma semana à África, com todas as despesas pagas. Foi-lhes, a seguir, solicitado que escrevessem, no espaço de uma folha de papel sulfite, quais teriam sido as lembranças e impressões suscitadas por esta experiência.

Os textos produzidos foram, então, considerados à luz do método psicanalítico, operado sob inspiração da Teoria dos Campos de Herrmann (1979), com o intuito de produzir interpretativamente, campos de sentido afetivo emocional subjacentes às manifestações dos participantes, ou seja, inconscientes relativos.

Vale lembrar que o recurso mediador, aqui utilizado, deve ser considerado como uma modalidade entre os chamados procedimentos apresentativo-expressivos (Aiello-Vaisberg; Ambrósio; Correa, 2004), que são propostas “brincantes” que facilitam transicionalmente a comunicação emocional. Tais procedimentos, entre os quais se incluem o Procedimento Desenhos-Estória com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999) e as Narrativas Interativas (Granato; Tachibana; Aiello-Vaisberg, 2011; Granato; Corbett; Aiello-Vaisberg, 2011), entre outros, inspiram-se paradigmaticamente no Jogo do Rabisco (Winnicott, 1971), estratégia clínica fundamentalmente coerente com posicionamentos epistemológicos que entendem que o conhecimento psicanalítico se produz em contextos sempre vinculares, intersubjetivos, relacionais (Mitchell, 2000; Mitchell, 1998).

Resultados e Considerações Reflexivas

A experiência de exposição às associações imaginativas dos participantes permitiu a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos.

O primeiro, denominado “espelho africano”, organiza-se ao redor da crença de que a África seria um continente que possui grandes semelhanças com o Brasil, especificamente no que se refere à sua diversidade e riqueza cultural, à alegria da população e ao fato de existir muita miséria e descaso, acentuadas por uma postura acomodada das pessoas.

O segundo campo, nomeado “esquecida e desconhecida” articula-se ao redor da crença de que a África possui um lado desconhecido e enigmático, no qual não se sabe o que se poderá encontrar.

A partir desses dois campos, podemos fazer algumas considerações reflexivas. De fato, eles podem ser pensados conjuntamente, para caracterizar um posicionamento imaginário complexo e ambíguo.

No que se refere ao primeiro campo, podemos notar uma atitude geral de empatia e identificação com o continente africano. Este é visto como possuindo várias similaridades com o Brasil, especialmente no que se refere à alegria do povo, que se mantém mesmo em contextos de miséria e opressão. Também se destacam a diversidade cultural e sua expressão em diversas formas artísticas, bem como a riqueza natural que, paradoxalmente, convive com a pobreza humana. Destaca-se um desejo de ajudar a

África, um sentimento de proximidade com suas condições socioeconômicas e uma percepção da população como receptiva com os visitantes.

Por outro lado, chama a atenção a atribuição de certa inércia aos africanos, pois não lhes parece ser dada a capacidade de terem papel ativo para mudar a situação de seu continente, dependendo muito de ajuda externa. Isto se expressa tanto em considerações de que os outros países deveriam ajudar a África quanto em um desejo dos participantes da pesquisa de assumirem este compromisso por si mesmos. Isto aparece em várias narrativas como a idéia de que a viagem ao continente não era uma diversão turística, mas uma tentativa de se engajar em causas humanitárias.

Cabe também destacar que, à constatação de que a África padece de uma situação de miséria, não aparecem menções a fatores históricos que levaram a este quadro, como por exemplo o tráfico negreiro e o processo de colonização do continente. Ainda que não apareça uma atitude de culpabilizar os africanos por sua situação social, não se revelam os nexos causais que conduziram a esta. Quando muito, há referência a um abstrato egoísmo humano que produz tais condições de penúria.

Essas considerações nos levam às reflexões suscitadas pelo segundo campo, “esquecida e desconhecida”. Aqui, a África é vista de um modo genérico e nebuloso, seus povos e países não são individualizados em suas especificidades. De fato, somos levados a pensar que o primeiro campo, ou seja, a identificação com o Brasil, aparece como um correlato desta nebulosidade, pois ao não se conseguir visualizar a África em sua concretude projeta-se nela uma imagem que ressalta supostas similaridades que esse continente teria com o nosso país. No entanto, isso parece não se traduzir sob forma de posturas arrogantes ou preconceituosas, mas como um desejo de conhecer melhor a África.

É importante lembrar que tais achados se referem ao grupo específico que participou da pesquisa. Tais resultados não são generalizáveis para outros grupos, o que nos leva a salientar a necessidade de realizar mais estudos sobre o modo como a África aparece no imaginário coletivo de brasileiros. É possível supor que existam várias Áfricas imaginárias, tão diferentes entre si quanto a situação sociopolítica, histórica e existencial das coletividades que a imaginem. Apenas a realização de outras pesquisas possibilitará uma compreensão mais ampla sobre como este continente, tão importante na formação do Brasil, expressa-se no imaginário nacional.

Referências

- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. **Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia**. 1999, 343f. Tese (livre-docência em Psicologia)-Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J.; AMBRÓSIO, F.F.; CORREA, Y. B. Encontros brincantes: o uso de procedimentos apresentativo-expressivos na pesquisa e na clínica winnicottiana. In: **Ser e fazer: Enquadres Diferenciados na Clínica Winnicottiana**. São Paulo, Idéias e Letras, 2004.
- BLEGER, J. **Psicologia da conduta**. Porto Alegre: ArtesMédicas 1963, 242p.
- BRASIL, Decreto- Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, DF, 9 de Janeiro de 2003.
Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm
- DUSCHENE, S.; HAEGEL, F. **L’entretien Collectif**. Paris, Armand Colin, 2005.
- GRANATO, T.M.M.; TACHIBANA, M. ; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Narrativas Interativas na Investigação do Imaginário de Enfermeiras Obstétricas sobre o Cuidado materno. **Psicologia e Sociedade**, 23, p. 81-89, 2011.
- GRANATO, T.M.M; CORBETT, E.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Narrativas e psicanálise. **Psicologia em Estudo**, 16 (1), p.157-163, 2011.
- GOLDMAN, L. **La Creation Culturelle dans La Societé Moderne**. Paris, Denoel, 1971.
- HERRMANN, F. **O método da psicanálise**. Editora Brasiliense. São Paulo. 1979, 360p.
- HOFBAUER, A. Ações afirmativas e Debate sobre o racismo no Brasil. **Lua Nova**, São Paulo, 68. P9 – 56. 2006
- MITCHELL, S.A. **Relational concepts in psychoanalysis: an integration**. Cambridge, Harvard University Press, 1988, 331p.
- MITCHELL, S.A. **Relationality: from attachment to intersubjectivity**. New York, Routledge, 2000, 200p.
- POLITZER, G (1928). **Crítica dos fundamentos da psicologia: a Psicologia e a Psicanálise**. Tradução de Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba: Editorial Unimep, 2004, 194p.

QUIJANO, A.; WALLERSTEIN I. Americanity as a concept or the Americas in the modern world-system. In: **International Social Science Journal**. Paris: UNESCO, n. 134, nov. 1992.

WILLIAMS, E. **Capitalismo e escravidão**. Tradução de Carlos Nayfeld. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1975, 295p.

WINNICOTT, D. W. Therapeutic consultations in child psychiatry. London, Karnac: 1971, 416p.